

SANTIAGO MADRIGAL, SJ

KARL RAHNER  
E  
JOSEPH RATZINGER

Na sequência do Concílio

*16/1/95*



Gráfica de Coimbra 2

*Título*

KARL RAHNER Y JOSEPH RATZINGER

Tras las huellas del Concilio

© 2006 by Editorial Sal Terrae

*Autor*

Santiago Madrigal, SJ

*Tradução*

Germano Mamede Cleto

*Edição*

© G. C. – Gráfica de Coimbra 2 – Publicações, Lda.

*Pré-Impressão • Impressão • Acabamento*

G.C. – GRÁFICA DE COIMBRA, LDA.

Palheira – Assafarge, 3001-453 – COIMBRA

Tel. 239 802450 • Fax 239 802459

Email: producao@graficadecoimbra.pt

*Capa*

Paulo Adriano

Depósito Legal n.º 252407/07

ISBN 978-972-603-384-4

Direitos reservados de harmonia com a lei

## ÍNDICE

*Prólogo* ..... 9

### PRIMEIRA PARTE

### KARL RANHER

### COMENTÁRIOS À MARGEM DO CONCÍLIO VATICANO II

<b>1. Introdução</b>	
«Realizou-se um concílio em liberdade e caridade» .....	21
<b>2. Que se pode esperar do Concílio?</b> .....	29
2.1. Cepticismo face a um Concílio em embrião .....	30
2.2. Primeira sistematização de uma teologia sobre o concílio .....	34
2.3. Notas marginais aos esquemas conciliares .....	43
<b>3. Coragem e sobriedade face ao Concílio</b> .....	57
3.1. O decurso interno das sessões conciliares .....	58
3.2. Igreja em transformação .....	64
3.3. Glosas à margem da doutrina conciliar sobre a Igreja .....	70
3.4. O espírito e a letra na busca colectiva da verdade ....	76
<b>4. A responsabilidade cristã depois do Concílio</b> .....	83
4.1. Uma ideia fundamental do Vaticano II: «A Igreja somos nós outros» .....	84
4.2. Uma visão de conjunto da obra conciliar .....	87

4.3. Espectador do tempo pós-conciliar: «Mudança estrutural da Igreja» .....	91
4.4. Diagnóstico da situação: «A fé em tempo de inverno» .....	97
<b>5. As interpretações pós-conciliares do Vaticano II ....</b>	<b>103</b>
5.1. O Concílio é a despedida oficial da «época piana» ...	104
5.2. O Concílio como primeira realização universal da Igreja .....	108
5.3. Impulsos esquecidos e perguntas latentes na doutrina conciliar .....	112
<b>6. Conclusão: «O Concílio, novo começo» .....</b>	<b>119</b>

## SEGUNDA PARTE

## JOSEPH RATZINGER

## REDESCOBRIR O CONCÍLIO PELA MÃO DE BENTO XVI

<b>1. Introdução</b>	
«De tempos a tempos os concílios são necessários» ....	127
<b>2. Impressões pessoais de um perito conciliar .....</b>	<b>137</b>
2.1. A Igreja renova-se: o primeiro período de sessões ....	137
2.2. O Concílio do caminho: a segunda sessão .....	146
2.3. A terceira sessão: problemas e perspectivas da sessão conciliar .....	159
2.4. A última sessão: «abertura da Igreja ao mundo» .....	166
<b>3. O catolicismo depois do Concílio .....</b>	<b>175</b>
3.1. Primeiros sinais de alarme .....	176
3.2. O primeiro pós-concílio e a Igreja .....	180
3.3. Balizas para uma «correcta aceitação do Concílio Vaticano II» .....	185

<b>4. Interlúdio: de teólogo a papa, «Colaboradores da verdade» .....</b>	<b>193</b>
<b>5. Balanços da época pós-conciliar .....</b>	<b>205</b>
5.1. O pós-concílio e a Igreja: Informação sobre a fé ...	206
5.2. Novos ensaios de eclesiologia .....	209
5.3. Diagnóstico da situação: «A crise de Deus traduziu-se eclesiologicamente» .....	215
5.4. A eclesiologia «teológica» do Concílio Vaticano II ....	221
<b>6. Conclusão: «A redescoberta do que é central» .....</b>	<b>227</b>
<i>Epílogo: «O espírito e a letra» .....</i>	<i>235</i>

## *Prólogo*

A celebração do Concílio Vaticano II (1962-1965) aproximou e pôs em paralelo a vida e o pensamento de dois grandes teólogos, Karl Rahner e Joseph Ratzinger. Esta é a óptica peculiar que adopta este livro sobre a última assembleia ecuménica da Igreja católica, e cuja primeira intenção não é outra senão a de comemorar o quadragésimo aniversário do encerramento. O nível intelectual, humano e cristão destes dois homens está fora de dúvida. No caso de J. Ratzinger, a sua actividade como conselheiro teológico no decurso do Vaticano II deve-se considerar agora dentro desse itinerário que vai desde o seu trabalho académico até à responsabilidade que lhe foi confiada à frente da Igreja Católica. Por outro lado, um bom conhecedor da teologia dos séculos XIX e XX, como H. Fries, podia escrever do sábio jesuíta: «Nunca deve ser esquecido o maior testemunho da fé do nosso tempo».

Se, como se disse e repetiu à sociedade, os teólogos desempenharam um importante papel durante o desenvolvimento do Concílio, trabalhando em equipa e em colaboração com os bispos, esta apreciação vale de maneira especial para estes nossos dois personagens. A escolha tem que ver com o facto de que foram duas figuras cimeiras que acompanharam o desenrolar do

acontecimento, do princípio ao fim, e também o interpretaram e o valorizaram ao longo dos dias, preocupados com a aplicação do Concílio à vida quotidiana da Igreja. Não me consta que haja outros dois peritos conciliares que tenham carreado, por um lado, contribuições tão significativas e que, por outro lado, tenham feito um acompanhamento tão minucioso do tempo pós-conciliar. No entanto, esta última condição e circunstância, que afecta a interpretação fundamental do Concílio Vaticano II, marcou o distanciamento destas duas personalidades, cuja vida e pensamento prosseguiram discorrendo em paralelo, mas sem tornar a encontrar-se.

Ambos chegaram ao Concílio como assessores de dois prelados que tiveram uma actuação decisiva na assembleia eclesial: Karl Rahner, pela mão do cardeal König, de Viena; Joseph Ratzinger, sob o patrocínio do cardeal Frings, de Colónia. Sobre estas circunstâncias escrevia Rahner: «Quando começou o Concílio, o cardeal König levou-me com ele como seu perito. A sua magnanimidade e a sua ausência de preconceitos deram-me a oportunidade de trabalhar desde o começo como perito na Comissão teológica». Nesta mesma passagem autobiográfica alude à presença de J. Ratzinger: «Naquele momento tinha porventura certa importância saber quem eram os teólogos preferidos dos grandes homens do Concílio. Assim podemos afirmar que Ratzinger foi muito importante para o cardeal Frings, e outros teólogos eram importantes para outros bispos»<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> H. VORGRIMLER, *Karl Rahner. Experiencia de Dios en sua vida y en su pensamiento*. Sal Terrae, Santander 2004, 110.

Aqueles dois purpurados tinham-os posto em contacto com os esquemas elaborados pelas comissões preparatórias. Desta forma, conheceram com antecedência os documentos que depois se iam discutir na aula conciliar. Ambos nos oferecem, após o anúncio do Vaticano II, na proximidade da sua celebração, uma inovadora reflexão sobre o significado dos concílios na vida da Igreja.

Karl Rahner, que tinha nascido em Friburgo de Brisgovia em 1904, era já então um teólogo maduro que chegava ao Concílio com quase sessenta anos; Joseph Ratzinger, oriundo da católica Baviera, era muito mais jovem e contava, ao começar o concílio, só trinta e cinco anos. No seu livro de recordações, o Papa Bento XVI narra o seu primeiro encontro com o veterano professor jesuíta: conheceu Rahner na reunião de teólogos alemães que teve lugar em 1956, estabelecendo com ele uma relação verdadeiramente cordial<sup>2</sup>. Há que destacar que, mais tarde, colaboraram na redacção de alguns dos temas mais conflituosos abordados pelo Vaticano II que representam os melhores frutos de tal trabalho: o capítulo da colegialidade e o capítulo da relação entre a Escritura e a Tradição. O primeiro constitui o grande cavalo de batalha da terceira sessão conciliar e faz parte do núcleo inovador da Constituição sobre a Igreja. O segundo encontra o seu resultado final na constituição dogmática sobre a Revelação.

Vamos pôr-nos, pois, nas mãos destes dois grandes teólogos, «no encaço do concílio». Centrar-nos-emos,

<sup>2</sup> J. RATZINGER, *Mi Vida. Recuerdos (1927-1977)*, Madrid 2005<sup>4</sup>, 101. Edição portuguesa “A Minha Vida” – 2005 – Livros do Brasil, Lisboa, pg. 68.

por conseguinte, não nas suas obras mais eruditas, mas antes naqueles textos que tomam por objecto de reflexão o tema do Concílio e a gestação dos seus textos. Ao longo da sua celebração, Rahner e Ratzinger foram oferecendo uma avaliação da marcha dos trabalhos. Como teremos ocasião de comprovar, o jovem teólogo J. Ratzinger redigiu com minúcia as suas impressões pessoais de perito conciliar, ligadas às quatro sessões conciliares, entre 1962 e 1965. O leitor encontrará nestas páginas o seu exacto relato das sessões e dos debates, assim como uma apreciação teológica dos documentos conciliares: a renovação litúrgica, a colegialidade episcopal, a noção da Igreja, o ecumenismo, a relação Igreja-mundo. Rahner não quis fazer papel de cronista, mas foi reflectindo em conferências e em trabalhos breves o decurso e os pontos críticos teológicos da assembleia, assim como os seus resultados mais perduráveis. Com estes vimes estão entrelaçados estas páginas. Destes conteúdos surgem as duas partes que compõem este livro<sup>3</sup>: as glosas marginais do teólogo jesuíta sobre o Vaticano II e a evocação do Concílio pela mão do Papa Bento XVI. Ora bem, a expressão «no encaço do Concílio» inclui esta outra perspectiva: não só nos interessam os ecos imediatos do acontecimento, mas também se revelam de alto significado as interpretações retrospec-

<sup>3</sup> O estudo sobre K. Rahner nutre-se de duas publicações anteriores: S. MADRIGAL, «Glosas marginales de K. Rahner sobre el Concilio Vaticano II»: *Estudios Eclesiásticos* 80 (2005) 339-389. ID., *Memoria del Concilio, Diez evocaciones del Vaticano II*, Bilbao-Madrid 2005, 211-274. O estudo sobre J. Ratzinger é inédito.

tivas da doutrina conciliar oferecidas com o passar do tempo, isto é, as reflexões que Rahner e Ratzinger têm ido realizando à luz das novas circunstâncias eclesiais que foram balizando a terceira parte do século XX.

Assim, também pela sua mão, entramos pelo tempo pós-conciliar adentro, anos de crise e que, como já indicámos antes, têm sido testemunhas do distanciamento destes dois teólogos alemães; um distanciamento que surge precisamente do exame das tarefas da Igreja na sociedade moderna e do julgamento das formas de aplicação do Concílio à renovação da Igreja. Eles sabem melhor que ninguém onde e quando se produziu o desencontro pessoal: entre 1969 e 1974, Rahner e Ratzinger foram membros da Comissão Teológica Internacional, mais na desavença que na concórdia, mais para empurrar os ombros que para apertar a mão. Já em 1972, sob o impulso de Hans Urs Von Balthasar, começou a publicar-se a revista *Communio*, em cujo grupo se tinham incorporado Joseph Ratzinger e Hans Maier, entre outros, como uma alternativa frontal à revista *Concilium*, lançada sob a influência de Rahner, seu co-fundador.

Uma vez concluído o Concílio, o jesuíta Rahner regressou à catedra teológica e à actividade académica até quase ao final dos seus dias (1984). O investimento teológico de Ratzinger viu-se reconduzido, quando contava cinquenta anos de idade, na cátedra episcopal de Munique (1977); digo *reconduzido*, pois o seu lema episcopal, «colaborador da verdade» visa prolongar a tarefa intelectual anterior, que iria adquirir em breve uma nova modulação, ao recair sobre ele, a partir de

1981, a tarefa de Prefeito da Congregação da Fé. O então Cardeal Ratzinger expressou abertamente na chamada *Informação sobre a fé* (publicada como livro em 1985) os seus pontos de vista mais contundentes acerca do Vaticano II e da crise pós-conciliar. Adiantando algumas das nossas verificações, podemos dizer que o Papa Bento XVI, já desde meados dos anos 70, vinha aprovando a urgência de uma leitura dos textos que se atenha sobretudo à letra do Concílio, buscando a continuidade – e não a ruptura – com a tradição eclesial anterior, prevenindo uma indiscriminada abertura ao mundo moderno. O jesuíta Karl Rahner, pelo seu lado, deixava correr o espírito dos textos conciliares ante o desafio das novas situações. Religioso e teólogo de gabinete, sempre se empenhou a favor da fé, da paz, dos oprimidos e dos pobres da Terra. Nesta linha compartilhou totalmente – segundo pode ler-se nesse testamento espiritual que são as suas *Palavras de Inácio de Loyola a um jesuíta de hoje* – a postura da Congregação Geral XXXII da Companhia de Jesus celebrada em 1974, afirmando que o trabalho a favor da justiça constituía uma parte essencial no anúncio da fé<sup>4</sup>.

Algo desta confrontação pessoal e discrepância teológica aflora também nas páginas deste livro. Mas não é nosso objectivo principal fazer um retrato de uma inimizade; entre outras razões porque nunca “houve sangue”; e se J. Ratzinger não tinha dúvidas em valorizar muito positivamente o *Curso fundamental sobre a fé*, de K. Rahner, e o conjunto da sua obra teológica, tão

<sup>4</sup> K. RAHNER, *Schriften zur Theologie*, XV, Zurique 1983, 403.

pouco do jesuíta saíram palavras a desqualificar o teólogo, bispo, cardeal e prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé. Estes estudos apontam antes noutra direcção: façamos uma aprendizagem a partir dos debates do passado e extraiamos daí algumas lições para o futuro da vida eclesial. Não é exagerado afirmar que a trajectória pessoal e teológica de K. Rahner e J. Ratzinger reproduz biograficamente, como numa maquete, o desdobramento histórico e as tensões internas da Igreja recente, de modo que os seus itinerários chegam a atingir essa categoria de miniaturas historico-teológicas do pós-concílio. Ambos estão conscientes da crise da Igreja pós-conciliar, dos excessos e desvios, das tarefas pendentes na aplicação do Concílio, e assim o formulam nas suas análises. Os dois conhecem muito a fundo e compartilham o significado e o alcance dos princípios fundamentais do Concílio Vaticano II: colegialidade, ecumenismo, liberdade religiosa. O tema da Igreja ocupa um lugar de expressão na sua ocupação teológica e na sua própria vivência espiritual. Também incluem nos seus diagnósticos o lamento por uma Igreja polarizada, de grupos no interior da Igreja que se confrontam e se desqualificam sem piedade.

Rahner e Ratzinger personificam, neste sentido, dois paradigmas na hora de enfrentar e ajuizar do devir da Igreja pós-conciliar, que, mais que estar fadados a opor-se, estão chamados a entender-se e a dialogar. Sobre tudo, se se aceita, como parece concluir-se das análises da situação na hora de avaliar o momento da recepção do Concílio Vaticano II, que teríamos entrado num período mais tranquilo, depois dos momentos de

euforia desmedida e de desencanto desesperançado, de exaltação e de decepção (H. J. Pottmeyer). O momento presente de recepção do Concílio está exigindo uma hermenêutica serena e realista, depois dessas duas fases alternativas de polarização entre o optimismo dos sonhadores e o pessimismo dos desiludidos. Estas duas etapas viriam a coincidir, pouco mais ou menos, com o período que vai desde o encerramento do Concílio até à celebração do Sínodo Extraordinário dos Bispos de 1985. Alguns estudiosos reconhecem que, em meados dos anos oitenta do século passado, ter-se-ia aberto uma nova fase de recepção, caracterizada por um aprofundamento metodológico nesta categoria de recepção, que voltou a ter como ponto de referência a celebração do ano jubilar<sup>5</sup>. Porém, de uma forma mais plástica, concreta e recente, podemos recordar esses dois gestos de Bento XVI, que se no passado 29 de Agosto recebia o sucessor de Monsenhor Marcel Lefebvre, o bispo cismático Bernard Fellay, a 24 de Setem-

<sup>5</sup> Cf. V. BOTELLA, *El Vaticano II ante el reto del tercer milenio. Hermenéutica y teología*, Salamanca 1999, 21-52. W. KASPER, «El desafío permanente del Vaticano II. Hermenéutica de las aseveraciones del Concilio», em *Teología e Iglesia*, Barcelona 1989, 401-415; onde se segue a periodização estabelecida por H.J. POTTMEYER, «Hacia una nueva fase de la recepción del Vaticano II», em (G. Alberigo – J.-P. Jossua) *La recepción del Vaticano II*, Madrid 1987, 49-67. H.J. Pottmeyer, «Dal Sinodo Del 1985 al Grande Giubileo dell'ano 2000», em (R. Fisichella ed.) *Il Concilio Vaticano II. Recezione e attualità alla luce del giubileo*, Cinisello Balsamo 2000, 11-25.

bro reunia-se em Castelgandolfo com o teólogo dissidente Hans Küng.

Nestas coordendas se inscrevem as presentes reflexões retrospectivas. O Vaticano II esteve envolto, no momento de acontecer, em emoções múltiplas e contraditórias, rodeado de temores e expectativas opostas, de natureza muito diversa, por vezes fantasiosas e arbitrarias; esteve igualmente sujeito ao jogo de diferentes interpretações dos seus contemporâneos. Tal ocorre com todo o fenómeno histórico. E sucede tudo de uma forma muito rápida. O que não podemos deixar escapar é a pergunta sobre o significado profundo deste acontecimento histórico, pois é óbvio que o Vaticano II, concluído já há quarenta anos, continua a ser um factor decisivo da nossa história. Em qualquer caso, tentamos a procura do seu significado permanente, seguimos o rasto do Concílio Vaticano II. Estas duas miniaturas histórico-teológicas, subministradas por estes dois grandes protagonistas e espectadores de excepção de um passado eclesial recente, podem mostrar-nos o caminho que visamos. As suas reflexões em paralelo podem ajudar-nos a arrancar a verdade que guarda a última assembleia ecuménica da Igreja Católica, pondo-nos a nós próprios, cristãos preocupados com uma Igreja que entra no terceiro milénio, «no encaço do Concílio».

*Madrid, 3 de Outubro de 2005 no dia da festividade de São Francisco de Borja*